

Oaristos - Eugénio de Castro

A obra *Oaristos*, coletânea poética de Eugénio de Castro que introduz em Portugal uma nova corrente estética de nome Simbolismo, foi considerada um escândalo literário.

Eugénio de Castro não pensava adotar os princípios filosóficos dos simbolistas franceses, naquela época fonte de imitação, nem desejou modelar-se pelo espírito da *décadence*. Mas antes quis aproveitar o seu aspecto expressivo, pela novidade do estilo e dos temas. *Oaristos* é uma tomada de posição contra os lugares-comuns que caracterizavam a poesia portuguesa, as rimas habituais, o vocabulário pobre. E propõe uma nova maneira.

Essa nova maneira, desfavorável ao excesso ultra-romântico e parnasiano, encontrou-a Eugénio de Castro no simbolismo. Este apelou para o vago, o misterioso, o ímpar, aquilo que não tem possibilidade de ser transformado numa perfeita jóia lapidada. Nada do velho culto romântico da natureza, do idealismo amoroso, nada de emotividades exaltadas e ocas, desprezo pela postura e linguagem solenes.

Diz Eugénio de Castro que o vocabulário dos *Oaristos* é escolhido e variado. Empregou vocábulos raros porque às perífrases prefere "o termo preciso", porque pensa "como Baudelaire, que as palavras, independentemente da idéia que representam, têm a sua beleza própria".

Numa carta a Pinheiro Chagas, Eugénio de Castro falou sobre *Oaristos*: "livro de revolta, feito com alma ardente e mocidade viva, pendão vermelho de combate contra a sensaboria, contra a chateza da poesia do meu tempo. (...) Livro novo, diferente de todos os livros, abrindo um caminho, achando uma solução, dizendo coisas novas por processos novos".

Ao prólogo de *Oaristos* faltou a segunda intenção do simbolismo. Ensinou a fazer versos, deu diretrizes, mas apenas a nível formal. Os temas das poesias do livro desenvolveram-se através da sugestão do espaço real ou fictício que foi dado pela musicalidade das palavras. No poema *Sonho* as palavras criaram uma atmosfera sensual, as complexidades do real estavam harmonizadas numa síntese superior. Mas o fundamento filosófico, a linha-guia do pensamento, estavam simplesmente ausentes. Notou-se uma exacerbação das imagens, da sonoridade, em detrimento de uma idéia, do tema em si.

Poema escolhido:

Um Sonho

*Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo á fina flor dos fenos...*

*As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...*

*Cornamusas e crotalos,
Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves.*

*Flor! enquanto na messe estremece a quermesse
E o sol, o celestial girassol esmorece,
Deixemos estes sons tão serenos e amenos,
Fujamos, Flor! r flor destes floridos fenos...*

*Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como neesperas,
No céu pardo ardem os astros...*

*Como aqui se está bem! Além freme a quermesse...
– Não sentes um gemer dolente que esmorece?
São os amantes delirantes que em amenos
Beijos se beijam, Flor! r flor dos frescos fenos...*

*As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítólas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...*

*Esmaece na messe o rumor da quermesse...
– Não ouves este ai que esmaiece e esmorece?
É um noivo a quem fugiu a Flor de olhos amenos,
E chora a sua morta, absorto, r flor dos fenos...*

*Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como neesperas,
No céu pardo ardem os astros...*

*Penumbra de veludo. Esmorece a quermesse...
Sob o meu braço lasso o meu Lírio esmorece...
Beijo-lhe os boreais belos lábios amenos,
Beijo que freme e foge r flor dos flóreos fenos...*

*As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítoas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...*

*Teus lábios de cinábrio, entreabre-os! Da quermesse
O rumor amolece, esmaiece, esmorece...
Dá-me que eu beije os teus' morenos e amenos
Peitos! Rolemos, Flor! í flor dos flóreos fenos...*

*Soam vesperais as Vesperas...
Uns com brilhos de alabastrós,
Outros louros como nesperas,
No céu pardo ardem os astros...*

*Ah! não resistas mais a meus ais! Da quermesse
O atoador clangor, o rumor esmorece...
Rolemos, b morena! em contactos amenos!
– Vibram três tiros í florida flor dos fenos...*

*As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos,
Cítoas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...*

*Três da manhã. Desperto incerto... E essa quermesse?
E a Flor que sonho? e o sonho? Ah! tudo isso esmorece!
No meu quarto uma luz luz com lumes amenos,
Chora o vento lá fora, í flor dos flóreos fenos...*